

## 2

### O problema como se nos apresenta

#### 2.1

##### Ceticismo Moderno X Antigo

Conforme interpretam os principais estudiosos do ceticismo, sua versão Moderna trata eminentemente de questões epistemológicas, principalmente da possibilidade de apreensão de objetos externos e do mundo externo em geral e, por conseguinte, da possibilidade de se aderir, tendo como base o assentimento ao mundo externo, a qualquer proposição como verdadeira. Ou seja, o ceticismo Moderno é mais do que qualquer coisa, uma problematização do mundo externo e da capacidade de se determinar qualquer coisa como verdadeiro.

Por sua vez, o ceticismo Antigo, semelhantemente a outras correntes filosóficas de sua época como o Epicurismo e o Estoicismo, faz dos seus argumentos epistemológicos e lógicos instrumentos de uma proposta moral, de modo que todos os argumentos céticos antigos tinham como causa final a missão de livrar o homem das suas inquietações e conduzi-lo a uma vida de imperturbabilidade.

Assim, devido a esta notável diferença, pensadores como Du Vair e Charron, podem ser considerados, de muitos modos exceto o prático, neo-Estóicos, e Gassendi pôde retomar a teoria atomista de Epicuro sem aderir às máximas morais que Epicuro extraía de sua interpretação da natureza, por exemplo, de que “A fonte mais pura de proteção diante dos homens, assegurada até certo ponto por uma determinada força de rejeição, é de fato a imunidade resultante de uma vida tranqüila e distante da multidão.”(D.L. X 143).

Muito se tem discutido acerca da mudança de perspectiva sobre estas escolas, Foucault, por exemplo, sem se referir ao Pirronismo, dizia que a causa do abandono da moral e ética propostas pelas escolas Helenistas em suas novas roupagens modernas se deve ao que ele irá chamar de “momento cartesiano”:

“(…) A razão mais séria, parece-me, pela qual o lugar ocupado por este princípio durante quase um milênio na cultura antiga foi sendo apagado, pois bem, eu chamaria-- com uma expressão que reconheço ser ruim, aparecendo aqui a título puramente convencional—de “momento cartesiano” (...) Primeiro, o momento cartesiano requalificou filosoficamente o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo). Com efeito, e nisto as coisas são mais simples, o procedimento cartesiano, que muito explicitamente se lê nas Meditações, instaurou a evidência na origem, no ponto de partida do procedimento filosófico (...)”. (FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*, pág. 18. São Paulo: Martins Fontes, 2004).

Pierre Hadot discordará desta hipótese. Para ele o esquecimento em torno do preceito do cuidar de si se dará na Idade Média, ele alegará que os escolásticos depreciaram a filosofia em favor da teologia, fazendo com que a primeira fosse uma ferramenta para demonstrar e provar as verdades da moral cristã. Daí a supervalorização da lógica e da epistemologia.<sup>10</sup>

Marcondes de Souza Filho considera que talvez haja uma influência do Cristianismo sobre os filósofos Modernos que faz com que eles sejam incapazes de crer na possibilidade de viver uma vida feliz neste mundo, fato que justificaria o surgimento de filosofias messiânicas e salvacionistas e também o fim da filosofia como prática da boa vida. De modo que o ceticismo Moderno despe o ceticismo de sua característica mais relevante na Antigüidade, a preocupação prática de garantir uma boa vida, para enfatizar, sobretudo, a possibilidade do conhecimento científico, a determinação do critério de verdade e a validade das pretensões ao conhecimento, devido ao contexto histórico da formação do pensamento Moderno que tem como principais elementos constitutivos o Humanismo Renascentista, a Reforma Protestante, a descoberta do Novo Mundo e a Revolução Científica.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Para mais ver: HADOT, Pierre. *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*. Éditions Albin Michel, Paris: 1993.

<sup>11</sup> SOUZA FILHO, D. M., “Finding one’s way about: high windows, narrow chimneys, and open doors. Wittgenstein’s “scepticism” and philosophical method”; em Popkin, R. H. *org*. *Scepticism in the History of Philosophy*, 167- 179. Holanda: Kluwer Academic Publishers, 1996. E: "A Crise de Paradigmas e O Surgimento da Modernidade".. In: Zaia Brandão. (Org.). *A Crise dos Paradigmas e a Educação*. São Paulo: Cortez, 1994, v. , p. -. E: O impacto do descobrimento do Brasil no pensamento moderno. In: Rocha, Everardo. (Org.). *Cultura brasileira: reflexões, análises e persepctivas*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007, v. , p. 15-31.

Não obstante todas as diferentes teorias a respeito da ênfase Moderna à epistemologia, às custas do abandono das teorias morais destas escolas, sabe-se que na Antiguidade era alcançar a felicidade o objetivo delas. Para isto submetiam a física e a lógica à moral. A exceção é o Pirronismo que não tem uma teorização positiva da física e da lógica, Sexto Empírico procurava mais atacar as teorias adversárias, notadamente a Estóica, do que fornecer uma fundamentação para o Pirronismo.

Contudo, mesmo isto não é consenso, se há claramente nos *Adversus* uma filosofia que opera negativamente, que leva Sexto a dizer inclusive que “o Cético não vive de acordo com nenhuma regra doutrinal”<sup>12</sup>, há também claramente nas *Hipotiposes* uma filosofia que pretende alcançar uma meta positiva (mesmo que esta seja definida com um conceito negativo, *ataraxia*, o correlato cético da *eudaimonia*). As *Hipotiposes* buscam fornecer um pequeno resumo da doutrina Pirrônica, inclusive demonstrando sob qual prisma o Pirronismo pode ser considerado uma doutrina (*P.H.* I 16), e pormenorizando um método de se combater os dogmatismos. Esta metodologia, por sua vez, é argumentada e fundamentada de modo a evitar a crítica, que já havia na época de Pirro, de que o ceticismo é insustentável na prática, Sexto então, assim, parece se adiantar à crítica que aparecerá na Modernidade, notadamente em Hume, de que o cético é incapaz de agir e fornece para ela uma réplica.

## 2.2

### Hume

Começo com Hume, porque com ele a influência fundamental do ceticismo Pirrônico no pensamento Moderno atinge instâncias talvez comparáveis, em termos de relevância, somente às atingidas em Montaigne, Gassendi, Descartes e Kant. Mas, também porque Hume é extremamente claro quanto aos temas filosóficos que deverão ser discutidos adiante em conexão com Sexto Empírico.

O problema fundamental que aparece em Hume e que foi aguçadamente debatida nos tempos Antigos e retomada cerca de uns dois séculos antes de Hume escrever—quando da difusão em larga escala das primeiras traduções da obra de

---

<sup>12</sup> *M XI* 165.

Sexto Empírico— é a de que a natureza nos constrange a agir e a crer e a fazer inferências que não podem ser racionalmente defendidas das objeções céticas. Há um conflito irremediável entre nossas atitudes cotidianas e nossas reflexões filosóficas quanto aos fundamentos de nossas ações e conhecimento.

Nenhum pensador Moderno pensou mais profundamente nas conseqüências do ceticismo do que Hume, que chegou à conclusão pessimista de que não há resposta teórica possível para ele.

Durante a vida de Hume pensou-se que ele era um cético e cogitou-se, ainda, que era ateu. Ao longo de cerca de duzentos anos desde sua morte, a acusação de ateísmo pareceu inconsistente e diluiu-se, mas a afirmação de que Hume seria o principal cético britânico fortaleceu-se e prevaleceu por parecer segura. A partir de Norman Kemp Smith, uma nova leitura de Hume ganhará cada vez mais espaço, Hume será tratado como naturalista, mais que como um cético. Este tipo de interpretação influenciará pesquisadores ao longo de todo o século vinte e o exemplo mais radical talvez seja Capaldi (1975), que foi seguido por outros. À parte isto, mesmo que prepondere o naturalismo sobre o ceticismo em Hume, este naturalismo emergirá como resultado de uma reflexão cética sobre os fundamentos das crenças e da razão, demonstrando que não há fundamentos para assentir a certos tipos de juízo.

Este tipo de ceticismo teórico não necessariamente conduzirá à suspensão do juízo, pode-se ser cético quanto a algumas coisas e não quanto a outras, assim,

...alguns autores chamam Homero de iniciador dessa escola (cética), porque ele mais que qualquer outro está sempre dando respostas diferentes sobre as mesmas coisas em diversas ocasiões, e jamais chega a definições (...) além disso, as máximas dos sete sábios são céticas (...) além disso os pirrônianos acham que Xenofanes, Zênon de Elea e Demócritos são céticos.”<sup>13</sup> (D.L. IX 71-72).

Pode-se, portanto, assumir uma postura teórica cética sem assumir um ceticismo prescritivo ou normativo que, por sua vez, tem uma estrutura do tipo: não se deve assentir a juízos do tipo tal.

---

<sup>13</sup> Grifos nossos.

Em Hume há os dois tipos de ceticismo, sendo que seu ceticismo teórico é não-mitigado, e o ceticismo normativo é variável. Em alguns momentos ele se aproxima de afirmar a impossibilidade de se crer em algo, mas a tendência mais comum é a de investir em um ceticismo mitigado, de molde Acadêmico e redundando em probabilismo. Outro aspecto importante e muito controvertido do ceticismo de Hume é que em “A Treatise of Human Nature”, “Enquiry Concerning Human Understanding” e “Dialogues Concerning Natural Religion”<sup>14</sup>, “ele não oferece argumentos independentes para o ceticismo moderado que caracteriza genericamente sua posição” (FOGELIN), mesmo se em nenhum lugar dos escritos de Hume há um compromisso com os princípios céticos tão explícito e significativo como o que se lê nas seções inicial e final da quinta parte do livro I do Tratado, ainda assim, mesmo que a ênfase possa mudar—particularmente na Investigação— existe prova textual abundante para mostrar que na Investigação ele nunca rejeita o ceticismo teórico radical aos moldes do encontrado no Tratado.

Quanto aos Diálogos, a análise é mais difícil pela forma dialógica do texto, onde Hume nunca fala em primeira pessoa. Há quem argumente que o personagem Cleantes representa, por apresentar seu pensamento em um quadro empirista e probabilista, a posição de Hume. Mas a interpretação mais consistente é a de que Hume distribui sua posição entre os personagens Philo e Cleantes e, de modo geral, a posição destes dois personagens reflete respectivamente o ceticismo teórico não-mitigado e a alternativa a ele, o ceticismo normativo mitigado, que aparecem ambos nas outras duas obras. Assim, as citações por mim extraídas das três obras supracitadas de Hume não obedecerão qualquer ordem a não ser a da necessidade para embasar a argumentação.

A relação dúbia de Hume com o ceticismo se dá porque mesmo que se admita o ceticismo como necessário para a reflexão filosófica, ele será um empecilho quanto à vida prática porque não há como, na prática, suspender o juízo quanto ao mundo

<sup>14</sup> *A Treatise of Human Nature*, ed. L. A. Selby-Bigge, segunda edição, revisto por P. H. Nidditch (Oxford: Oxford University Press, 1978). *Enquiry Concerning Human Understanding*, em *Enquires Concerning Human Understanding and Concerning the Principles of Morals*, ed. L. A. Selby-Bigge, terceira edição, revisto por P. H. Nidditch (Oxford: Oxford University Press, 1975). *Dialogues concerning Natural Religion*, em *David Hume: Philosophical Works*, vol. II (Londres: Green and Grose, 1886). Doravante, respectivamente: Tratado; Investigação; Diálogos.

externo<sup>15</sup> porque a Natureza será sempre muito forte por princípio. Desta forma, o pessimismo epistemológico de Hume parece ser derrotado pelo otimismo naturalista, mas, na verdade, o pessimismo fora tão incisivo que não há como passar incólume por ele. Se em Descartes o ceticismo é um meio para atingir um fim e se torna o método mesmo da filosofia, em Hume, mesmo que a natureza nos constranja a agir e derrote o ceticismo, ele será o resultado da reflexão filosófica e, se não se pode por ele passar incólume, o ceticismo se tornará um aspecto inerente ao filosofar, uma tendência à desconfiança, mesmo que ninguém seja um cético “sincera e constantemente”<sup>16</sup>. No entanto devemos supor que Sexto Empírico, pelo menos, era um cético sincero, pois o contrário seria absurdo.

No final do livro 1 do Tratado, Hume descreve o estado de alguém “assustado e confuso”, com o prosseguimento da argumentação ele é levado a um estado mental em que:

A intensa visão destas múltiplas contradições e imperfeições na razão humana forjaram em mim, e aqueceram meu cérebro, a ponto de eu estar pronto para rejeitar todas as crenças e argumentações, e poder olhar todas as opiniões como não mais prováveis ou verossímeis do que outras.

Este estado em que Hume vê a equípolência entre as opiniões receberá dele, em seguida, uma qualificação pejorativa, em que ele se encontra “*in the most deplorable condition imaginable, environ'd with the deepest darkness, and utterly depriv'd of the use of every member and faculty.*”<sup>17</sup> Esta qualificação será amaciada na Investigação, p. 160, por exemplo.

As crenças cotidianas serão mais sustentáveis do que a dúvida filosófica, não nos encontramos com o ceticismo na vida comum, mas quando pensamos filosoficamente. Isto ecoa o pensamento de Descartes de que não encaramos a possibilidade do ceticismo no curso das tarefas práticas cotidianas, mas no contexto da extraordinária forma de investigação na qual nos engajamos quando buscamos conhecer a verdade: o ceticismo emergirá quando abandonarmos todos os nossos

<sup>15</sup> Voltaremos a esta questão quando tratarmos do Insulamento.

<sup>16</sup> Tratado, pág. 183.

<sup>17</sup> Tratado, pág. 268-9.

interesses e metas particulares e tentarmos erigir uma visão objetiva sobre o mundo e nosso lugar nele (WILLIAMS).

Com Hume instaurar-se-á um ceticismo que é uma dúvida praticada pelo filósofo quando busca os fundamentos para as crenças e a razão humana—o que em muitas medidas é uma herança cartesiana— e é oposto à vida comum, na qual precisa-se destas crenças e da razão para agir. Um ceticismo definitivamente vinculado à dúvida e com resultados devastadores:

A principal e mais confusa objeção ao ceticismo excessivo (é) que nenhum bem durável poderá resultar dele; enquanto ele retém toda sua força e vigor. Devemos tão somente perguntar tal qual um céptico, Qual o seu significado? O que ele propõe com todas estas curiosas pesquisas? Ele estará imediatamente em prejuízo, e não saberá o que responder.<sup>18</sup>

Um ceticismo sem a menor viabilidade prática, conforme se vê no que diz Cleantes a Philo:

Se seu ceticismo é tão absoluto e sincero como você pretende, aprenderemos aos poucos, quando a conversa terminar. Veremos, então, se você sairá pela porta ou pela janela e se você realmente duvida de que seu corpo tem peso ou pode ser machucado por sua queda, de acordo com a opinião popular extraída de nossos sentidos falaciosos e ainda mais falaciosa experiência.<sup>19</sup>

Mas talvez o argumento de Hume mais emblemático de seu juízo sobre o ceticismo seja:

Um Estóico ou Epicurista expõe princípios, que podem não somente ser duradouros, mas têm um efeito sobre a conduta e o comportamento. Mas um Pirrônico não pode esperar que a sua filosofia tenha qualquer influência constante sobre a mente: ou caso tenha, que esta influência seja benéfica para a sociedade. Pelo contrário, deve reconhecer, caso ele reconheça qualquer coisa, que a vida humana pereceria se seus princípios prevalescessem universal e firmemente. Todo discurso, toda ação imediatamente cessariam; e os homens ficariam em total letargia, até que as necessidades da natureza, insatisfeitas, botassem fim à sua miserável

<sup>18</sup> Investigação, págs. 159-60.

<sup>19</sup> Diálogos, p. 382.

existência. É verdade; um evento tão fatal é muito pouco possível para apavorar. A natureza é sempre muito forte para princípios. E embora um Pirrônico possa levar a si mesmo ou aos outros a um espanto e confusão momentâneos através dos seus profundos raciocínios; o primeiro e mais trivial evento da vida jogaria por terra todas suas dúvidas e escrúpulos, e deixa-lo-ia igual, em todas as maneiras de agir e especular, aos filósofos de qualquer outro secto, ou àqueles que nunca se interessaram por qualquer pesquisa filosófica. Quando ele despertar do seu sonho, será o primeiro a se unir nas risadas contra si mesmo, e a confessar que todas suas objeções eram mera diversão, e não podem ter outra tendência senão mostrar a condição excêntrica dos homens, que devem agir e raciocinar e crer, embora não sejam capazes, pela sua investigação mais diligente, de satisfazerem-se a respeito do fundamento destas operações, ou de remover as objeções que se podem levantar contra elas.<sup>20</sup>

Contudo, esta acusação de que o Pirronismo é insustentável na prática, já era parte de um acalorado debate ocorrido na Antiguidade e Sexto Empírico, um cético sincero como se presume, já estava ambientado a esta acusação e procurou refutá-la.

## 2.3

### A Antigüidade

Podemos notar que há tradicionalmente dois argumentos que visam mostrar como o ceticismo incorreria em uma total *apraxia*. O primeiro pretende atingir diretamente o resultado final do ceticismo e vai contra a possibilidade da total suspensão do juízo, tentando demonstrar a impossibilidade de se viver concretamente o ceticismo; esse argumento é o que aparecerá em Hume, mas não só, também se evidenciará na narrativa de Antígono de Carystus das dificuldades que Pirro enfrentava<sup>21</sup>. O segundo, por sua vez, pretende demonstrar a contradição que há intrínseca no próprio discurso cético, apontando contradições performáticas na

<sup>20</sup> Investigação, parágrafo XII, 128.

<sup>21</sup> Embora não haja *epoché* em Pirro

possibilidade de exprimir um proferimento que adequadamente declare e demonstre uma atitude anti-proferimento que, além disso, enquanto discurso, para que seja entendido ou eficazmente transmitido, dependeria de certas crenças.

Estes dois tipos de argumentos denotam dois aspectos da *apraxia* e serão tradicionalmente os dois gumes da espada que será erguida contra o ceticismo.

Para visualizar melhor o cerco criado ao redor do cético, eis o esquema do argumento da auto-refutabilidade:

*1- Após a pesquisa intensa em busca de respostas para a questão X, o investigador percebe que há diferentes e mutuamente excludentes respostas para a questão. Diante disso ele suspenderá o juízo e se livrará das crenças, atingindo a imperturbabilidade.*



*a) Não é possível agir se nada pode ser conhecido.*

*b) Se suspende-se o juízo não há parâmetros para a ação. Além disso, uma total suspensão do juízo é impossível.*



*O cético será incapaz de agir, ou, na melhor das hipóteses, não saberá como agir embora possa fazê-lo. De toda forma, a suspensão tornará a vida impossível de ser vivida.*

*→ Este argumento será chamado de argumento da *apraxia* estritamente prática.*

*Conseqüência: o cético deverá então, ao suspender o juízo, se tornar completamente inativo, provando a inviabilidade prática do seu sistema, ou provar, agindo, que seu sistema funciona, mas se ele agir é porque tem crenças e não suspendeu verdadeiramente o juízo, então ele se refutaria (auto-refutabilidade prática).*

*2- Após a pesquisa intensa em busca de respostas para a questão X, o investigador percebe que há diferentes e mutuamente excludentes respostas para a questão. Diante disso ele suspenderá o juízo e se livrará das crenças, atingindo a imperturbabilidade e tomando uma postura não-assertiva.*



a) *Se o cético não constrói asserções, não pode defender ou receitar (como faz Sexto Empírico) o ceticismo.*

b) *Se o cético não constrói asserções, não pode se comunicar.*



*O cético será incapaz de agir discursivamente, não poderá ter uma prática discursiva.*

*→ Este argumento será chamado de apraxia estritamente discursiva.*

*Conseqüência: o cético não poderá se comunicar, não fará parte de nenhuma associação entre homens (comunidade de falantes) e não gozará de um dos atributos da razão. Mas se ele desejar provar que este resultado pejorativo não se impõe, deve comunicar-se, mas ao fazê-lo não seria aphasian e se refutaria (auto-refutabilidade prática, mas no âmbito da prática discursiva).*